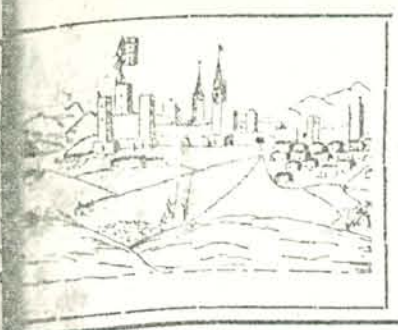
ANO I — N.º 30 — DOMINGO, 24 DE FEVEREIRO DE 1946 — NÚMERO AVULSO $50



Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA
Director — ABEL MONTEIRO

Propriedade da Direcção / Editor: João da Cruz Rosa / Impressão: Tipografia Castelovidense, Castelo de Vide / Redacção e Administração: Praça da República, N.º 2 — NISA

Valôr Português

sacrifício pela Pátria, é apanágio da raça: A RAÇA PORTUGUESA.

Aos portugueses de TIMOR, saúda o ALENTEJO

Alerta sentinelas do Impé-

Alerta soldados de Portugal!
Alerta portuguesas de todo o Mundo!

Dêsse Oriente cruel, escondido nas brumas do tempo, dominado por uma civilização decadente, cheio de traições e miséria sem par, regressam portuguesas como vós. Rostos esquálidos, são o símbolo vivo do sofrimento atroz de longos dias sob a opressão de sanguinário povo. Expoente máximo da ventura, o seu sacrifício é grande e belo: O holocausto à Mãe da Pátria.

Essas portuguesas que das terras de além-mar, — onde defenderam a integridade de Portugal, à custa de inconcebíveis sacrifícios—, são a visão única, a posição exacta, dos portugueses de antanho, fortes e enérgicos, que nessas mesmas Terras, em tempos longínquos, ergueram a soberania portuguesa, defendendo as côres da bandeira. Essas portuguesas vêm a caminho da Pátria trazendo o seu corpo vincado de cicatrizes, morais e físicas, não a global afirmação de que em todos os tempos, em todos os momentos críticos, os portugueses de amanhã sabe-

rão afirmar, em toda a parte do Mundo onde flutue a bandeira portuguesa: «Aqui é Portugal!» São terras obtidas à custa de muitas vidas, mas que se necessário se tornar, muitas outras se oferecerão, para que na terra adubada com o sangue generoso dos seus maiores, flutue altaneira a bandeira da Pátria, distante e querida!

Sacrificaram tudo, desde o mais alto ao mais baixo, — na escala social—, equiparando-se pelos seu actos, aos heróicos

Conclue na pág. 2

Dr. Jaime de Almeida

Foi colocado em Portalegre, como Juiz do Tribunal do Trabalho, o nosso presado assinante e ilustre nisense, Doutor Jaime de Almeida, a quem apresentamos as nossas felicitações.

NASCIMENTO

Pelo nascimento de um filho, felicitamos o nosso presado assinante e amigo, Sr. Carlos Justino de Sousa. A pais e filho as melhores felicidades.

ÊSTE NÚMERO DO «CORREIO DE NISA» FOI VISADO PELO CENSOR DO DISTRITO.

Tribuna Livre

O princípio da autoridade

Estamos fartos de ouvir dizer que não há nações fortes sem govêrnos fortes. E' possível que assim seja. O mesmo acontece nas famílias e com os indivíduos. Alguns govêrnos são tão fortes que acabam por ruir estrondosamente, causadores de numerosíssimas desgraças. Outros governantes acabam, mais cêdo ou mais tarde, por fazer as malas e ir-se embora, desiludidos com a espécie humana e guardando penas como lenitivo, no íntimo do seu coração, a consciência do dever cumprido.

***

Foi o que aconteceu recentemente com o General De Gaulle, o Chefe prestigioso a quem a França deve não ter sido vencida em 1940, cujo desassombro e elevada mentalidade eram bem conhecidos antes de entrar na liça política. São dêle as seguintes e significativas palavras, colhidas no seu livro «Le fil de l'épec», *publicado em 1939:*

— «As personalidades fortes, para a luta, para a prova, para os grandes acontecimentos nem sempre apresentam essas vantagens fáceis, essa sedução supercicial que agradam no decurso da vida ordinária

Os caractéres revelados são habitualmente ásperos, incómodos, selváticas, até. Se a massa, muito baixa, reconhece a sua superioridade e lhes presta obscura justiça, raras vêzes os estima e os favorece Abaixo dele murmura-se da sua alteza e da sua exigência.

.....

— «A escólha que administra as carreiras aprecia mais o que agrada do que o que vale

.....

— «Não há autoridade sem prestígio nem prestígio sem afastamento.

Mas as alforrécas, os in-

Continua na pág. 2

O Pelourinho de Nisa

Nunca é de mais insistir quando se trata de fazer vingar uma ideia que, por si mesma, deve merecer o apoio incondicional de todas as inteligências esclarecidas e consciências bem formadas.

E o caso da restauração do Pelourinho. De quando em quando, é necessário premir a mesma tecla, a ver se o eco da mesma nota alguma vez deixa de ser o da «voz que clama no deserto».

Em 1943 novamente fiz gemer os prelos com outra crónica publicada em «*Brados do Alentejo*». Ontem e hoje a oportunidade é a mesma. Impõe-se, pois, que esta geração não passe sem deixar o Pelourinho no local próprio, o mesmo donde o retiraram, no errado e facioso critério de julgá-lo sobrevivência infamante para a civilização da época.

Algumas vereações pretenderam dar ao problema a única solução que êle comporta. Empreenderam-se interessadas diligências, mostrou-se a melhor vontade de efectivar tão louvável propósito, mas infelizmente ainda hoje as venerandas pedras do padrão da nossa soberania municipal jazem na tristeza do abandono, em vez de defrontarem a clara e alegre luz do sol na Praça do Município.

De justiça é arquivar neste jornal a actuação de sucessivas edilidades ou personalidades que patrioticamente se propuseram lavar a nódoa que, desde 1877, conspurca os nossos anais comunalistas.

(*Conclui na página 2*)

ECOS

POR
Silvestre Figueiredo

Foi Chesterton quem escreveu que «tôda a espécie de vida é uma luta na carne», equivalente ao pensar do poeta que nos disse que todo o homem tem dentro de si *dois homens*.

Não há ninguém, por melhor dote de virtudes inatas ou adquiridas, que não tenha sentido o amargar da luta entre a natureza inferior ou animal e a ideia e sentimento do dever, gravado tão no íntimo da consciência, que Kant o designou por *imperativo categórico*. Não existe uma só pessoa sôbre que não pese o doloroso constrangimento da distância entre o que projecta e alcança. Jámais alguém subiu ao desejo.

E' assim no mundo moral, como no literário ou científico, ou no mais modesto esfôrço do artífice, porque todos andamos àquem dos nossos sonhos de perfeição, de glória e felicidade. A sociedade venturosa projecta-se eternamente num alvo longínquo e inatingível.

Faz bem a tôda gente, mas é sobretudo precioso para o crítico, que queira ser honesto, a recordação desta certeza, que o levará a uma prudência e generosidade, que às vezes não conhece, levado por excessivo ripar puritano, nem sempre justificável.

Quando se diz que os crentes sinceros são raros, incorre-se, segundo os conceitos expostos, num exagero descabido.

Se se entende por sinceridade do crente a indefectível harmonia entre a doutrina e as obras, sem a mais ligeira claudicação, pelos impulsos dos baixos apetites e egocentrismo, podemos até dizer não existir um só crente sincero. Mas então hão-de acusar-se, pelo mesmo raciocínio, todos os que, comungando em qualquer outro ideal de beleza ou de bem, em exercício, actividade lucrativa ou altruísta, o não satisfaçam sem objectivo segundo as exigências do seu próprio anseio ou as pretensões mais rigorosas da opinião alheia.

Um crente pode ser verdadeiro no seu designio e fraco na sua vontade. É mesmo o mais corrente. Há crentes até, e muitos, que enfeudam à sua convicção religiosa à época ou ao grupo, ou por temor das más línguas, ou por interesse inconfessável. Estes tais não são insinceros na crença, que reside nos seus corações, mas falsos no ateísmo que não professam, apregoado, todavia, por comprazer ou conveniência.

A grandeza de ânimo para se compreenderem as debilidades de carácter, o optimismo no julgamento do próximo, nosso irmão também na natureza, é sempre oportuna e feliz, especialmente durante o Carnaval, em que as tentações são mais perigosas, por ser o prazer mais apetecível.

Concedamos aos crentes a sua sinceridade, embora certos das suas fraquezas, comuns a todos os mortais e aos próprios críticos.

OMA LÁ CEREJAS...

Por SINGAPURA GASPAR

Há pessoas de tôdo aparentemente esperto que querem, a cada hora, a parra com a uva, a elegância com a consistência. Por isso mesmo afirmam o que não parece, caindo por consequência, na maioria dos casos, em êrro crasso.

«Aquele é um homem educado».

Porquê?

«É a sua apresentação, a maneira de vestir, as companhias que prefere, tudo isto é mais que suficiente para ser logo que assim é.

Puro engano!

A educação, além de ser arte doméstica e social consiste na caridade com o próximo, em tudo que fazemos, como equilíbrio do que desejariamos ser. É também predicado que nasce no berço, vinda «linha recta» ou então por inexplicável aparecimento espontâneo ou cromossomático que tanto se positiva nos gestos, como nas palavras, como nas ac-

Tenho conhecido pessoas humildes, pobres de tudo, que não têm onde cair mortos, esfarrapados e sem, se Deus dará, sem um conforto de alma, sem

Conclue na página 2

ANTOLOGIA

Immaculata

por ALPHONSUS GUIMARAES

Quando te fores, branca, de mãos postas,
e me deixares neste val' de prant),
deitada assim, como as demais, de costas
sobre o teu leve esquife de pau-santo:

quando as rosas dos seios, decompostas,
vierem causar à própria morte espanto,
e nessas tábuas vis, onde te encostas,
te fôr o lodo o derradeiro manto;

ainda hei de ver as lúcidas violetas
que floriram no teu olhar incerto,
por sob as tuas sobrancelhas pretas ..

Ai! Como Ines, tu não serás rainha:
mas amada has de ser no ceu decerto,
porque na terra nunca foste minha...

Tribuna Livre

(conclusão)

teresseiros, os incompetentes e indisciplinados, os despeitados e raça dos envenadores, podem criar uma barreira de recriminações e de contradições contra a qual esbarram os melhores!

Não há dúvida: a maioria dos homens não merece sêr governada por homens competentes—Sisifos iluminados pelo bem comum — que abnegádamente sacrificam a sua tranquilidade e a dos seus, a própria saúde e até a vida, conhecedores de antemão de que vão apanhar pelo menos coice bravio Mereceria ser governada por burros ..

***

Vimos há anos representar em França uma peça de teatro em que um Ministro, muito festejado, subia ao poder com um programa carregado de filantropia. E assistimos ao desenrolar de peripécias trágico cómicas, ao apertar do nó das peias burocráticas, à demonstração da mesquinhêz dos satélites, enfim ao conjunto das delicadezas e das elegâncias da política, que impediram o bem intencionado Ministro de fazer fôsse o o que fôsse.

Quando se vai embora, desiludido e resignado, apenas resta de pé a possibilidade de execução de uma das suas muitas determinações: a de demitir o indelicado contínuo do seu gabinete. Acaba porém por anular esta medida, não fôsse julgar-se que cedia a um sentimento de vingança.

***

O mesmo acontece nas famílias e com os indivíduos, diziamos nós. Quanto aos indivíduos, os seus piores inimigos são muitas vezes os macaquinhos que trazem no sótão ..

E os chefes de família sequiosos de autoridade, não teem senão que exercê-la sobre a mulher e os filhos, sobre os creados, o cão, o gato e o canário e sobre as roseiras do quinta!

Mas olhemos em torno de nós e vejamos quantos dos nossos semelhantes, mesmo neste domínio restrito e familiar, gosam plenamente do prestígio da autoridade... X.

Valôr Português

(conclusão)

combatentes de Africa e das Indias, nêsse periodo áureo da nossa História. Todos merecem que a Pàtria orgulhosa, — pela vontade de todos os seus irmãos—, os eleve ao pedestal da glória,—bem merecido. Porque colocando-os bem alto, todo o Mundo lerá, nos seus actos, que Portugal ainda vive e que os portugueses ainda sentem correr nas veias, o sangue valente e não apático, nem traidor; que em cada parcela do Império, um soldado de Portugal, firme no seu pôsto, está pronto a imolar a sua Vida, fragmento minimo,—assim a considera—, perante a grandiosidade da Pàtria; que as estrofes guerreiras e belas da «portuguesa», estão bem vincadas na alma de Portugal; que de todos os peitos, fortes e leais, se eleverão ao Infinito, no momento mais cruciante, o grito único, belo e altivo, patrimônio duma raça de valentes: «Aqui é Portugal»! À vida da Pàtria a minha ofereço, para que sirva de lema às gerações futuras, que terão nas suas mãos o Destino dum povo tão honrado como antigo! Que sempre soube lançar de si a mão pesada do opressor!

***

Que estas palavras sirvam de exemplo aos que pensaram no ataque à Soberania Portuguesa:

Onde existir um português, está uma parcela de Portugal; em tôda a Terra Portuguesa de Além-Mar, está bem vinculado, —no seu próprio sangue—, o sublime IDEAL: O IDEAL DA PÁTRIA!

Lisboa, 6-2-946.

NOGUEIRA CORREIA

Pela Capital do Distrito

Comemorando o 25.º aniversário da entrada, nesta diocese do actual bispo sr. D. Domingos Maria Frutuoso, realizou-se com grande solenidade e concorrência na Sé Catedral um Pontifical, a que assistiu não só aquele prelado, como também o arcebispo de Évora sr. D. Manuel Mendes dos Santos, que propositadamente aqui veio para êsse fim e ao Evangelho subiu ao pulpito, donde pronunciou uma formosa alocução.

Não surgindo qualquer inconveniente de força maior, deve no próximo dia 20 do corrente começar a funcionar nesta cidade um pôsto regulador de peixe, mandado instalar pelo Grémio dos Armadores da Pesca do Arrasto e a que a Câmara Municipal dá todas as facilidades precisas, atendendo a tratar-se duma medida que muito beneficiará o público.

—

Por louvável iniciativa do director escolar sr. Pires Antunes vai fundar-se nesta cidade uma cantina para as alunas das escolas femininas, medida de largo alcance e que oxalá tenha o mesmo desenvolvimento da que a Mocidade Portuguesa aqui mantém há dois anos e que tão grandes benefícios vem prestando aos rapazes das escolas masculinas locais.

—

De visita ao comando distrital da L. P., esteve nesta cidade o comandante geral do mesmo organismo, que depois de ter passado revista a uma formação em guarda de honra, recebeu os cumprimentos de diversas entidades, seguindo para Elvas com o mesmo fim que o trouxe.

Por se ter reconhecido que, devido á sua magnifica localização, merece uma maior grandiosidade no seu aspecto exterior, foi modificada a planta do edificio escolar que integrado no chamado Plano dos Centenários está a ser construido nesta cidade, motivo por que as respectivas obras teem estado paralizadas. Uma vez que assim é, não seria agora oportunidade de no edificio em questão ser feito também um gabinete para arquivo e sala de professores, uma vez que lamentávelmente isso foi esquecido na primeira planta, ou seja a que estão modificando?

O Pelourinho de Nisa

(Conclusão da 1.ª página)

Foi em Abril de 1924 que a Câmara, sob a proposta do vereador, Sr. Jerónimo Biscaia, deliberou reconstituir o Pelourinho.

Chegaram a ser adquiridos e carreados para a Praça os degraus de granito, com que se resolvera substituir os de mármore, desaparecidos ou utilizados para fim bem diferente do primitivo. Mas, talvez porque judiciosamente se reconhecera dever obedecer a reintegração do Pelourinho à sua tradicional estrutura, na qual de maneira nenhuma poderia utilizar-se o granito, esfriaram por então os entusiasmos e não mais se pensou em tal.

Sob a presidência do Sr. Fraústo Basso, voltou mais de a Câmara a interessar-se lo assunto. A multiplicida importância de muitos o e mais instantes empre mentos não permitiram, n tanto, levar por diante um que, ao fervoroso nacional do Sr. Dr. Basso, merecia devotada preferência. E desta vez as pedras do m mento ficaram clamando sua eloquente mudez, con barbaridade dos que, não preendendo o seu simbol levaram a efeito o mais in vandalismo, a ignominio fronta de deitarem abaixo trificada carta de alforri nosso concelho.

Quando, em 1942, o Sr. José Miguéns foi investid presidência do Municipio, revelou não poder ser i rente ao seu espirito cult doroso bairrismo quanto tasse o brio e bom nome d terra. A restauração do P rinho mereceu-lhe sempre isso, simpático acolhim interessada solicitude, n pelo seu significado, ma da porque ele seria o mal quado ornamento do el largo em que se erguem ços do Concelho, a airo ça rectangular, na qual h de cincoenta anos não se qualquer melhoramento e le nosso ilustre conterr tinha proposto alindar.

Na verdade, como bem, sobre o verdejante do de artistico *parterre*, flores de grácil matiz, a te coluna octogonal sus do a esfera armilar e o da justiça!

E como seria consola levarmo-nos na eloquên quelas pedras que, fron Domus Municipalis, no riam dos direitos e r consignados no antigo f cordando-nos, em sua rea perpetuidade, os foro tumes da grei e clam nosso orgulho de povo minúsculo mas consci gregado de municipes c da estima do rei e c própria autonomia!

Também todo o emp Sr. Dr. José Miguéns fo do. Quando se antev breve a realização de t tivo, circunstâncias im forçaram-no a deixar a cia do Municipio e assi rou mais uma vez o so há muito por nós acal

Quererá o actual pre Sr. Dr. Francisco Mour quito, meter ombros a pático empreendiment

Fiquemos hoje por próximo número re mos estas considera a curiosidade de algu tas inéditas e com re xortação aos actuais todos os municipes par nalmente o Pelourinh ocupar o lugar que de lhe pertence.

J. FIGUE

Toma lá cerejas...

(Conclusão)

uma enxerga em que dormir e, no entanto, por descendência ou por inclinação, rivalizam com muitos outros a quem nada faltou, protegidos da sorte ou do dinheiro, habituados a colégios esmerados e a companhias distintas mas que, em contrapartida, são uns permanentes e completos maleriadôes.

O fisico tem para os «observadores de superficie» uma importância capital. Assim, um individuo enfatuado, com desempêno que veste dum Picadilly e calça da «Chic» que

corta as unhas, corta os calos
corta os pêlos do bigode
corta tudo, quando pode
ser cortado sem abalos,

como numa tarde de bom ânimo, me rimou «ex abrupto» um saudoso amigo e distinto poeta, tem na sociedade de integração vertical, que é o hábito dos zoilos, a categoria célebre de pessoa educada.

O «cardeal Gonzaga», se lhe apresentassem a te se, enquanto se batia com o faisão, na sala do Vaticano, decerto que concluiria deste modo: «Oh! Como está diferente a educação em Portugal»!

Há marrecos, coxos, manetas, zarolhos, mancos, corcundas que dispõem das maiores belezas de alma e tudo aspergem de educação e bom trato. Dos tais a quem um gongórico observador poderia dizer, sem ironia: «Um minuto com V. Ex.ª é o mesmo que tirar o curso de «Saber Viver»... pela Baroneza X».

E depois para quê criar dogmas de brutos quando, na verdade, nada há de mais contingente. E' questão do ponteiro do manómetro atingir a cifra de perigo.

Uma vez, alguém disse: «Homem não seja bruto, faça o negócio, que lhe dá dinheiro!»

A terceira pessoa gramatical respondeu: «Bruto? Brutos somos nós todos; é só chegar o momento».

E tinha razão.

ANUNCIEM NO «CO
DE NISA», QUE CI
EM TODO O P